

THEATRO DA TRINDADE

CINIRA POLONIO



A festa de Cinira Polonio realisa-se amanhã, 18, no theatro da Trindade. Esta fórmula, breve e sizada, salvará hoje, de certo modo, a reputação da critica. E' o *meio termo* proprio das situações graves. Se reprimimos a legitima expansão de admiradores e amigos da artista, acode a suspeita de buscarmos hypochritamente occultar quanto sentimos; se damos largas á nossa opinião corremos o perigo de simularmos o madrigal. Effectivamente, não é ella — a *chanteuse hors-ligne* — um dos mais bellos espiritos e um dos mais distinctos vultos que dão a nota da suprema elegancia ao nosso meio lisboeta? E ahí vamos nós, por um triz, resvalar d'essas simples verdades ao madrigal incompativel com o sobrecenho da critica!

A festa de Cinira Polonio realisa-se amanhã, 18, no theatro da Trindade, com *A Filha da sr.^a Angot*.

ALGUNS LIVROS

Os versos continuam a ser a grande litteratura predilecta dos compositores e artistas, e só por elles se vê como a generalidade dos espiritos eleitos de Portugal, foge á realidade, para viver no sonho, e se enclaustra na melancolia poetica, para fugir aos embates da vida pratica, onde apenas um pequeno numero ousa pousar os pés.

Demos que este isolamento seja um sacrificio feito ás muzas, e conjuntamente uma prova de repulsa pela podridão contemporanea; mas não sirva isto para absolvermos no campo litterario, todos os joaheiros de rimas que ahí folgam, nem para affirmarmos que a poesia seja ainda em nossos tempos, uma forma d'arte preponderante.

Longe de mim adoptar contra ella a opinião de Prosper Merrimé, que a apontava como uma reminiscencia das edades barbaras, e como uma arte preciosa de *jongleurs*; mas longe tambem de mim, preferir um canto de poema, o mais audacioso, á plasticidade viva d'uma bella pagina de prosa.

Como quer que seja, e apesar da minha teimosia em relegar o metro para as subalternidades em que a litteratura lança mão do artificio, sahrei hoje de mim proprio, para ir desfilar em cortejo civico, deante de dois recentes livros de versos—já que o governo m'o não deixou fazer, ha um mez e tanto, por deante da estatua de Camões. São esses livros, os POEMAS PORTUGUEZES, de Luiz Osorio, e as LYRICAS, de João Saraiva, os dois ferindo uma nota identica, e partindo de organizações approximadamente similares. No primeiro d'esses volumes detalha a leitura facilmente a historia d'um espirito adormecido para as asperidões da realidade, a recluir-se com uma timidez ingenua, quasi feroz, cada vez mais para os recessos d'um mundo visionario, onde a justiça domina, o ar é limpido, a nudez paradisisca, a virtude facil, e a primitividade absoluta. Esta auto-biographia não deixa de ser curiosa, por quanto este-
reotypa um caso excepcional de sonhador platónico, infinitamente amavel de intuitos, e respirando na sua nuvem, como um pequeno Deus orgulhoso para os fortes e compassivo para os fracos. Sob os respeitos da arte, ha a dizer mais que o livro accusa um progresso notavel de factura, com relação aos primeiros trabalhos da adolescencia do poeta—que a forma ganhou precisão e elasticidade, que a rima se fez musica, e que a evolução do thema poetico riva, atravez das estrophes, com uma certa energia gracil e logica, que leva o leitor captivo empóz do episodio dramatico ou amoroso, concitando emoções que raras vezes se enublam e empallidecem. E' este o caso da MALDIÇÃO, por exemplo, com que abre o livro, e que é um quadro de mar pintado com uma altissima justeza de visão chromatica, com uma pujança dramatica rara, e com uma concisão de mestre firme no seu processo, e expon-taneamente forte no seu traço. Não perco a esperança de ainda ouvir este magnifico trecho de poesia descriptiva, no theatro, pela voz d'um actor de nome, que d'elle tire os effeitos que o Coquelin tirava do

Naufrage. Porque o merece, o poemeto de Luiz Osorio, que julgo fixar um typo de monologo particularmente capaz d'emocinar uma platea de meridionaes, e que nos seus detalhes e arquejos condensa um drama de paixão plebea, admiravel de febre e de largueza.

*«Mas como o doido em extasi dormita
Na sombria visão quasi infinita,
E gosta d'embalar as illusões
Na rajada do sul,*

*Não quer um peito nu, gelado e morto,
Quer engulir sangrentos corações
Como na taça do velho rei de Thulle;
Por isso, ao outro dia, exausto, absorto
Como alguém que desmaia,
Na clara dobra d'uma onda azul,
Vomitou os cadaveres na praia.*



As LYRICAS de João Saraiva, são outro caso de fakirismo litterario, outro caso d'immobilisação contempladora d'um desolado que pôz deante de si um cofre de cartas—e as vae folheando e relendo, com uma dolora a lapis na margem de cada folha a que lhe fica presa uma saudade.

Esta profunda inercia, a meu vêr é um defeito, e resultado d'uma dyspesia moral, que não se coaduna bem com as impetuosidades dos vinte annos, mas que se perdôa no entanto, como *parti-pris* d'um visionario lasso d'amor, e distrahido ainda a prender bilhetinhos á aza das toutinegras que passam no azul da rua do Ouro, ou nas *veladas* d'Espinho, feridas um tanto pelos olhos gaiatos do poeta. As LYRICAS de João Saraiva são na sua essencia poetica, uma especie de curso completo d'amor para as mulheres; e mais d'uma cuida que deixará, por este bacharelato novo, a assignatura de certas bibliothecas, preferindo a rima artistica ao peccado grosseiro, e depurando-se na pathetica alma do lyrico, dos infundaveis remorsos d'alguma vêz haver desejado, fóra do matrimonio, outras aventuras que não fossem pastilhas embrulhadas em sonetos.

Sob o ponto de vista do influxo moral, não hesito em dizer que o livro de João Saraiva é perigoso.

Faz o poema do coração por uma fórma que anesthesia a carne, sobreexcitando a sensibilidade té aos ponteagudos limites do desejo. E' uma flora de corollas virginaes, mas distillando venenos: e porque seja rara e exotica a architectura d'ella, e elegante a a meia tinta proposital das suas petalas, os olhos cegam-se, a narina aspira-a e acaba a gente, c'os diabos! por atirar a touca por cima dos moinhos.

*... Teu halito parece
Um aroma de flôr
Que nunca se colhesse!
A aragem mal lhe toca
Logo perfuma os ares
Que rosas singulares
Essas da tua bocca!*

*E a tua voz é doce
A ponto d'escuta-a
E não saber quem falla:
Se tu, se alguma flôr,
Que tão bonita fosse
Que Deus lhe desse falla!**



Terminando, ha um folheto em prosa, JULIO CESAR MACHADO, assignado por um inedito quasi, que tem por nome Alfredo de Mesquita. Ha dez annos, esta pequena obra daria a um folhetinista, evidencia e convites para a collaboração litteraria de todos os periodicos. Alfredo de Mesquita retratou Julio Machado n'uma linguagem tão leve e tão fina, que sem lisonjas banaes, o seu artigo eguala o melhor da prosa do seu retratado.—E' fresco, é gentil, é saltitante, e deixa vêr por sobre a arte sutil d'evitar escolhos d'analyse, uma d'estas graças de prosador nascente, que valeria a pena incitar a commettimentos maiores, e mais fecundos.

IRKAN.



No Sarau que os estudantes de Coimbra deram no theatro D. Luiz, na noite de 12 de março, entre as poesias vibrantes de patriotismo, recitadas do palco pelos proprios auctores, destaca-se a composição de Alberto Osorio que abaixo trasladamos, e que vem trespassada de todos os fremitos e de todas as lavas do entusiasmo moço e independente.

AO POVO

Povo! rasga viril e épico a mortalha!
Resurge ao mundo novo!
Toma o rubro baptismo da metralha!
Vamos-te vêr transfigurado, Povo!

Clarins da glória, rutilos, audazes,
Os nossos corações candentes, ao teu lado,
As almas dos rapazes,
Da bruma radiosa do passado
Vêem surgir teu vulto legendario!
Abra-se a alma a esta immensa aurora!
Tenta-o ainda o talisman d'outr'ora,
—A esmeralda do mar espume e vario.

Uivos dos temporaes!
Sibilar das enxarcias, estertor
Do mar convulso retalhando os mastros!
Como d'antes de certo que o levaes
A um continente novo, á morte, á dôr...
Em todo o caso amortalhado em astros!
Povo! como é sagrada a nossa dôr austera!
Mas é já como um ar de primavera
A eclosão divina do teu sonho!
A' Africa, sim! gritemos: Ao porvir!
Ao sol d'África, ao sol esplendido da Iberia!
Ao que nos faz arder em febre cada arteria!
Ao que se sente em nós germinar e florir!

Alberto Osorio de Castro.

EMBELLEZAMENTOS DA CAPITAL



Falla-se na criação de tantos ministerios novos, e no desdobramento de tantas repartições e serviços burocraticos, que os edificios do Terreiro do Paço se tornam insufficientes para conter tanta nebaria. Foi pois convidado pelo governo, o sr. Monteiro dos Milhões, — cujo gosto architectonico é tão caracteristico e apreclado — para dar o typo d'um edificio monstro, onde venham a ser installados todos aquelles ramos do serviço publico. O nobre architecto já deu a planta e *croquis* da obra, levando a gentileza ao extremo de nos deixar copiar a fachada da magnifica fabrica que projecta, e que em tudo será digna do copioso principe que reina, e dos profundos ministros que lhe assistem.

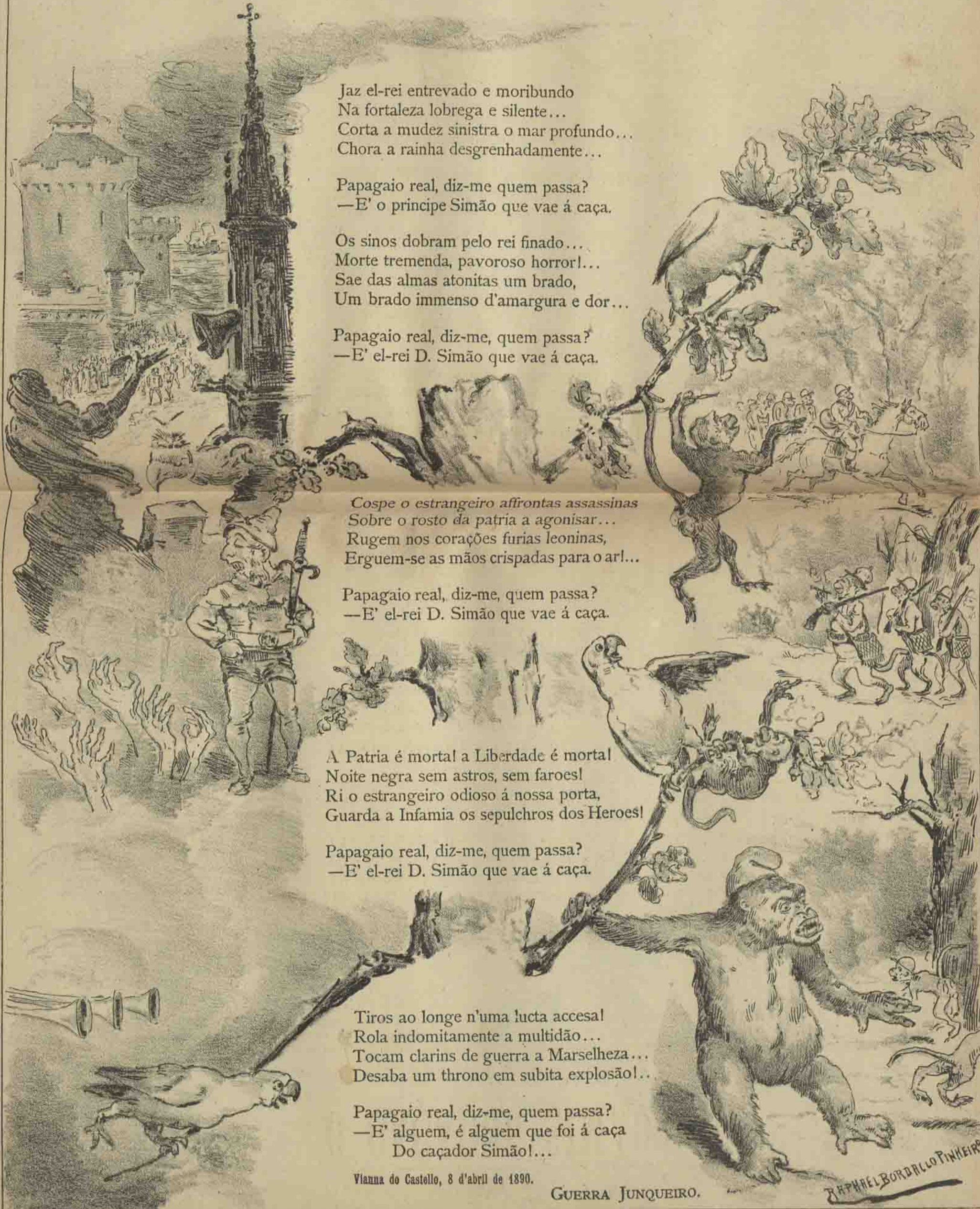
Nota.— Junto da porta da entrada, figura por acaso um fraldiqueiro, em postura de se esvidar sobre um barril. **Preremptoriamente declaramos, não haver n'isto allusão politica d'especie alguma.** E isto pelas razões de que nem o cão, escreve, nem o barril são fixos... vae á caça.

O CAÇADOR SIMÃO

(A Fialho d'Almeida)

A ballada que segue, appareceu na *Provincia*, foi transcripta no *Globo* e em varios jornaes da capital; e porque se esgotassem rapidamente as edições das folhas que a deram, cuidámos de prestar serviço ás letras, produzindo-a com illustrações, no nosso semanario. Ficam portanto os juizes rolheiros avisados, de que a nossa transcripção é sem intuitos d'irrespeito, — credo! — e não vae além d'um méro acepipe litterario.

— Não é verdade que não vae, ó Lopo Vaes?



Jaz el-rei entrevado e moribundo
Na fortaleza lobrega e silente...
Corta a mudez sinistra o mar profundo...
Chora a rainha desgrenhadamente...

Papagaio real, diz-me quem passa?
—E' o principe Simão que vae á caça.

Os sinos dobram pelo rei finado...
Morte tremenda, pavoroso horror!...
Sae das almas atonitas um brado,
Um brado immenso d'amargura e dor...

Papagaio real, diz-me, quem passa?
—E' el-rei D. Simão que vae á caça.

Cospe o estrangeiro affrontas assassinas
Sobre o rosto da patria a agonisar...
Rugem nos corações furias leoninas,
Erguem-se as mãos crispadas para o ar!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?
—E' el-rei D. Simão que vae á caça.

A Patria é mortal! a Liberdade é mortal!
Noite negra sem astros, sem faroes!
Ri o estrangeiro odioso á nossa porta,
Guarda a Infamia os sepulchros dos Heroes!

Papagaio real, diz-me, quem passa?
—E' el-rei D. Simão que vae á caça.

Tiros ao longe n'uma lucta acesa!
Rola indomitamente a multidão...
Tocam clarins de guerra a Marselheza...
Desaba um throno em subita explosão!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?
—E' alguem, é alguem que foi á caça
Do caçador Simão!...

Marcha do odio

(DE GUERRA JUNQUEIRO E MIGUEL ANGELO)

A MARCHA DO ODIO, por Guerra Junqueiro, publicada em fasciculo de luxo pela casa Costa Santos, Diniz & C.^a, do Porto, com desenhos de Raphael Bordallo, e musica de Miguel Angelo, é um hymno de guerra tragica e sem guarida, que o poeta arrancou do peito, n'uma hora de dôr escruciante. Um pequeno extracto :



Odio ao pirata, odio ao bandido,
Odio ao ladrão !
Odio de stolco, que é vencido :
Para morrer, — sem um gemido !
Para matar, — sem um perdão !



Odio de monstro ensanguentado
N'uma prisão,
Odio bradando, — inutil brado !
Como uma cruz n'um descampado,
Como um punhal n'um coração !

OS DOIS PAPAGAIOS

(CONTO PARA CRIANÇAS)

Juntos na mesma gaiola,
Das proprias de papagaio,
Viviam, n'uma aldeola,
Um papagaio de Angola
E um dos outros — verde-gaio.

O verde-gaio, altaneiro,
P'ra o de Angola, cabisbaixo,
Grimpava lá do poleiro,
Emquanto o seu companheiro
Andava humilde por baixo,

Ao verde tudo tratava
Por — meu menino — meu loiro.
Com o outro ninguém fallava
— E era o verde quem papava
As papas do comedoiro.

Dava-se o verde, com gente,
Palrando dias a fio ;
— O de Angola, tristemente,
Já se tinha por contente
Largando o seu assobio !...

Sempre a apitar de honrarias,
Sempre a apitar de grandesa,
Tinha amarguras sombrias
E, p'ra afastal-as, n'uns dias,
Apitava... A portugueza...

Mas o verde empoleirado
No seu poleiro tão rico,
De assobios enfastiado,
Quiz um dia, arrenegado,
Que o outro calasse o bico.

Chamando logo o lacaio
Que lhe alimpava a gaiola,
Assim disse o verde-gaio,
Deitando olhar de soslaio
P'ra o papagaio de Angola :

— A tal moda corriqueira
Vae-me causando fastio !
Tapem-n'o pois, de maneira,
Que não possa, inda que queira,
Largar o seu assobio...

Sem gosar, preso á gaiola,
Nem de assobios o conforto,
O papagaio de Angola
Teve uma idéa na tóla :
Resolveu fingir-se morto.

Finorio, estuto, solerte,
Logo por morto se deu ;
E o verde, ao bispal-o inerte,
A repetir se diverte :
— O papagaio morreu !

O de Angola, hoje matreiro,
Faz de morto na gaiola...
— Mas, que será do parceiro,
Se um dia salta ao poleiro
O papagaio de Angola ?!...



PAN-TARANTULA

ENTREVISTA DA RAINHA DE INGLATERRA COM O IMPERADOR D'ALLEMANHA

«LONDRES, 10, m.

Diz um telegramma de Berlim ao *Standard* que se está alli fazendo para a rainha Victoria um uniforme do regimento de dragões, do qual a mesma rainha é chefe honorario; e consta que a rainha Victoria se apresentará com esse uniforme por occasião da sua visita ao imperador Guilherme em Darmstadt.»

Do *Correio da Manhã* de 11 d'abril.



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

O ADRAGÃO



A florista franceza não é sómente uma ramalheira consummada, é uma compositora sem rival na nossa cidade. Os seus ramos e açafates ornados, as suas composições de flores seccas e pintadas, são arias de cores, d'uma melodia e d'uma graça que seduzem logo o comprador.

E sobretudo isto, bonita, quanto se pôde ser, ao pé das Flores...

PRINCIPES DO CONGO

«ós qu'reis um sabonete fino e perfumado,
 « ponto de que a pell' d'un rosto já fanado
 « mite, na brancura, os cysnes mais gentis,
 « cinelhe, em formosura, os tenros collbris,
 « em mais demora, pois, se o sabonete qu'reis,
 « interroga o povo, o clero, os proprios reis,
 « todos vos dirão após encômio longo:
 « ecorra aos sabonetes — PRINCIPES DO CONGO!

Sabonaria Victor Vaisler, Paris. — Vende-se nas principaes perfumarias.

THEATRO DA AVENIDA



A revista TIM-TIM por TIM-TIM, que vae de vento em pôpa, sem cabellos brancos nem desfallencia d'enchantes, rejuvenesceu-se ha dias com um acto novo, de *verve* endiabrada, que faz rir a platêa e chorar a policia — a qual, por mais fizesse, não lhe encontrou pé por onde a prohibir.